

o quarto de azulejos – tonho frança

tonho frança. curioso. já vi este nome estampado em outras páginas de livros e revistas. nunca escuto seu barulho. um sujeito feito de *silêncios*. também! o mundo já tem muitos ruídos. nem sei como começar. sou pequeno e frágil e estou diante da grandeza de um quarto de *azulejos* pintado de poesia. sou péssimo ator para as histórias inventadas. gosto da carne nua e da sinceridade. tantas elucubrações e ruído branco dentro desta zona cinza e empoeirada junto ao rumor do tráfego nas metrópoles. não enxergo quase nada a um palmo de distância. como posso diante deste mundo cinzento e abjeto e deste céu com um enevoador mar de fuligem. um mundo frio e pobre. por isso fico aqui enriquecido e aquecido pelo calor deste *quarto de azulejos* e sua poesia, sentado e lendo no chão perto de uma parede ao lado de um criado-mudo com uma vela e sua luz intermitente como as luzes dos vaga-lumes, aqui mergulhado neste rio de memória, lembrança e poesia. tenho medo com o que acontece do outro lado do muro. prefiro ficar aqui acolhido por este *quarto de azulejos*. o mundo lá fora é um chão de vidro. *o coletivo* é um mar de multidões solitárias. quão belo é o colorido deste azulejo. tão singelo e inebriante. isto me fez lembrar de um tempo não muito distante, onde havia um casarão com a textura desse mesmo azulejo, em que meus avós proseavam em frente à casa sentados numa cadeira de vime sob um céu azul-turquesa. um tempo que ficou para trás e ao mesmo tempo congelado na memória de uma fotografia em preto e branco. hoje o mundo mudou a posição dos corpos. seres bípedes estão com os corpos cada vez mais inclinados, com o tronco baixo e os olhos sendo cada vez mais sugados por uma pequena tela brilhante feita por um *capitalismo tardio*. *o quarto de azulejos* e *tonho frança*, ambos amalgamados e em *silêncio* e acolhidos pelo calor e sussurros da poesia, com tanto frio e passos apressados lá fora. esses *reflexos*: *o vento sussura: / - morrer? / já não é possível.* e quando será, diante de corpos semivivos? não saberemos. saberemos? melhor mudar de assunto e apreciar este *entardecer*: *(pois) o poente tece moirados / nas asas da borboleta.* deve ser uma magnífica tessitura!? melhor ir seguindo os *caminhos*: *colhendo pelas calçadas / aurora de poesia.* Na *eternidade* dessas lembranças *há algo que me absorve no canto da curva do rio.* atento, vejo essa *moça*: *os olhos negros e profundos-quase-céu. de volta pra casa. trago nos olhos uma coleção de oceanos.* a vida urbana consome as epidermes, *dia a dia: chega a noite e me encontro sozinho.* como aquele *coletivo* com corpos solitários. buscando em minhas *memórias*: *vejo nos beirais dos poucos sobrados vivos / olhos antigos que observam meus passos.* meus olhos enchem-se de lágrimas. tão pequenas quanto gotas de chuva. são muitas lembranças trazidas por *o quarto de azulejos*. quase não consigo mais segurar este lápis e as palavras fogem e escorregam por entre os dedos. estou confuso e tudo isto parece *loucura*: *tenho nos olhos sete luas e os cinco oceanos e em meus poros pousam todas as ventos e vozes.* esta poesia me deixa aturdido e inquieto. ficarei aqui apreciando este *outono* e estas *manhãs*. avanço e vejo este *sinal fechado*: *os motores cochilam cavalos invisíveis.* já não vejo mais as lágrimas da chuva, chegou a *primavera*: *no olhar avarandado das manhãs / as amendoeiras bocejam flores amarelas.* deixo aqui para dormir nestas *noites e meninos*: *(...) o menino e a chuva / o menino e o cachimbo / o menino e o cinza / o menino e as cinzas / o menino e a pedra / o menino e a luz.* já começo a ficar triste ao falar *sobre adeus e outras despedidas*: *deixe-me ir, preciso ir / qualquer lugar (...) e só em mim / me perceber / a dor passar.* na verdade sinto o contrário, fico feliz, acolhido por *o quarto de azulejos* e pelas mãos suaves deste poeta *tonho frança*. apago a luz. agora deito e durmo embebido de memória, lembrança e poesia...

salvador, 28 de setembro de 2015.

marcos torres

